

EDUCAÇÃO AMBIENTAL: AMPLIANDO O CONCEITO

Maria Luiza Rodrigues de Albuquerque Omena
UFS, luiza.omena@gmail.com

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão acerca das idéias implícitas na construção conceitual de educação ambiental desenvolvida por alunos egressos de três turmas do curso de pós-graduação *lato senso* em Gestão Ambiental ofertado por uma instituição de ensino superior da rede privada do município de Aracaju/SE. Parte-se do pressuposto que o tratamento da temática ambiental requer, além de uma visão crítica, uma abordagem interdisciplinar e sistêmica, não se limitando a ações pontuais, devendo ainda priorizar uma construção coletiva, que se dá com a ampla e real participação dos agentes interessados. Nesse sentido, toma como referência principal a obra *Identidades da Educação Ambiental Brasileira*, publicada pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA), publicada no ano de 2004, na qual se encontram elencados artigos que abordam os recentes movimentos da educação ambiental no País, para uma leitura comparativa das visões presentes nas construções dos referidos atores, concluindo-se que não há um consenso em torno do conceito de educação ambiental, pois além de se fundamentar em determinadas tendências pedagógicas, cada elaboração resulta das diferentes interpretações que trazem seus autores acerca das questões ambientais, do momento histórico que vivenciam e dos seus anseios em relação a uma prática cidadã.

Palavras-Chave: conceito de educação ambiental; pós-graduação em Gestão Ambiental; identidades da educação ambiental.

1 Introdução

As discussões iniciais em torno da educação ambiental no país remontam a mais de três décadas, ao longo das quais foram alcançadas muitas conquistas, a exemplo da promulgação da Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), da inserção da temática ambiental nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), das inúmeras publicações sobre o tema, da sua recente inserção nos arcabouços curriculares de cursos de graduação com interface com a temática ambiental, além da disseminação de cursos de pós-graduação na área. Mesmo assim, ainda se verifica a necessidade de esclarecer dois grandes paradoxos que continuam girando em torno da questão.

O primeiro deles refere-se à forma como a educação ambiental deva ser tratada no âmbito formal. Embora as recomendações dos documentos oficiais sejam para que se

3ª Encontro Sergipano de Educação Ambiental
Ensino, pesquisa e extensão Universitária
22 a 26 de novembro de 2011

priorize o trabalho transversal, em todas as disciplinas do currículo, a partir de abordagens multi, inter e transdisciplinares, há ainda uma corrente que defende que pela sua relevância a temática deva ser ministrada através de disciplina isolada, tendência considerada compartimentalizada, ou como programa, existindo igualmente defensores da eliminação do adjetivo ambiental, por entenderem que a educação, num sentido mais amplo, deva contemplar os aspectos ambientais em sua proposta político-pedagógica, não sendo, portanto, necessário haver um momento escolar específico para tratar da questão. O segundo paradoxo gira em torno da concepção ou conceito do que seja educação ambiental.

Nessa perspectiva, este trabalho consiste em uma reflexão teórica (pesquisa bibliográfica) que visa investigar a ideologia constante dos conceitos elaborados por alunos que freqüentaram três turmas do curso de pós-graduação *lato senso* em Gestão Ambiental de uma instituição de ensino superior da rede privada do município de Aracaju/SE, tomando como referência para uma leitura comparativa as diversas concepções de educação ambiental constantes da obra *Identidades da Educação Ambiental Brasileira*, publicada pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA), no ano de 2004.

Embora a obra mencionada figure como o referencial teórico central, também são apresentadas contribuições de outros autores que se dedicam a pesquisar as tendências da educação ambiental no País, fundamental para subsidiar a análise pretendida, posto que fornecem elementos que corroboram as idéias contempladas na obra.

2 A educação ambiental nos cursos de pós-graduação: novas abordagens e antigos desafios

A partir da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD/Rio-92), como forma de garantir a internalização da preocupação com as questões ambientais e sua disseminação no espaço formal, a educação ambiental passa a figurar em cursos de pós-graduação *lato senso* de

3ª Encontro Sergipano de Educação Ambiental
Ensino, pesquisa e extensão Universitária
22 a 26 de novembro de 2011

instituições de ensino superior distribuídas por todo o país, tendo como público alvo docentes de diversas áreas de formação.

Tal iniciativa, que teve como principais inspirações as recomendações do Programa Nacional de Educação Ambiental (PRONEA/94) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN/96), foi aos poucos se disseminando, até ocupar espaço em cursos de Educação à Distância (EAD), que atingiram um grande número de educadores.

Ainda em função da ênfase que começa a ser dada questão ambiental a partir da CNUMAD, na década seguinte a educação ambiental passa a constituir a estrutura curricular de cursos de pós-graduação na área ambiental, direcionados a profissionais das diversas áreas de formação, onde surge como disciplina. Ocorre que, nem o perfil dos alunos e nem os objetivos dos cursos são os mesmos da proposta anterior, que tem como foco as práticas educativas formais. Por essa razão, se fez necessário dar um novo formato à ementa dos cursos e da disciplina Educação Ambiental, em particular, de modo a garantir uma formação multidisciplinar.

Para Raynaut et al (2000) um curso interdisciplinar na área do meio ambiente e desenvolvimento deve ter como finalidade a formação de profissionais que, conservando e reafirmando suas competências disciplinares, sejam capazes de dialogar e interagir com outros especialistas na abordagem concreta das relações sociedade-natureza a partir de modelos conceituais, hipóteses e procedimentos metodológicos comuns, reforçados pelas heterogêneas escalas de análise e práticas metodológicas provenientes dos distintos campos disciplinares envolvidos.

Isto não significa que deva ser perseguida uma “linguagem comum” ou a formação de generalistas presumidamente dotados de uma competência universal, autosuficiente e retoricamente desvinculada do conhecimento disciplinar. A formação concebida deve possibilitar a cada participante, incluindo tanto docentes como discentes, a convivência e interação com outros modos de apreensão do real, paralelamente ao reforço de sua própria área de conhecimento (RAYNAUT et al., 2000).

Sato (2000) também enfatiza que conceitos do ambiente, do desenvolvimento e da educação, propriamente dita, devem embasar qualquer curso de formação de profissional na área de educação ambiental, seja em formação inicial ou continuada.

3ª Encontro Sergipano de Educação Ambiental
Ensino, pesquisa e extensão Universitária
22 a 26 de novembro de 2011

Movimentos como a Agenda 21 e a Carta da Terra são informações que não podem deixar de existir na estrutura curricular da educação ambiental.

Contudo, embora se reconheça atualmente que a abordagem das questões ambientais requerem uma nova perspectiva na forma de enxergar o mundo, pautada na ótica da complexidade e da diversidade, de forma a contemplar os aspectos históricos e culturais que estão presentes no ambiente, a visão mecanicista da modernidade, que metaforizou o modelo de funcionamento do relógio à leis da natureza, continua exercendo poderosa influência sobre a percepção das pessoas em relação ao meio natural.

Raynaut et al (2000) destaca que os saberes científicos são cada vez mais especializados, sem relações entre si, de tal maneira que faltam agora os instrumentos intelectuais para uma visão global da realidade, já que o recorte disciplinar não pode dar conta da sua unidade ontológica. Em consequência, as formas prevalecentes de ensino, particularmente no nível da pós-graduação, se baseiam numa crescente e progressiva especialização. Esta tendência torna cada vez mais difícil a comunicação e a colaboração entre os praticantes das diversas disciplinas.

No sentido de superar essa visão fragmentada, que reforça o entendimento de natureza exclusivamente como recurso ser explorado e que acaba resultando num grande dilema ético enfrentado em nossa civilização, Carvalho (1998) sugere que a educação ambiental seja vista como um novo momento de um projeto pedagógico que quer construir uma grande mudança de valores e de posturas educativas .

3 Recentes tendências e enfoques para educação ambiental

Até o final dos anos 80 a educação ambiental formal era vista, mesmo entre os educadores, como uma tarefa que cabia aos professores de Ciências e Biologia, sendo muitas vezes confundida com ecologia, estando sua abordagem vinculada a temas genéricos como causas e consequências da poluição e impactos exercidos sobre os ecossistemas, tais como queimadas e desmatamento. Gradativamente, essas práticas passaram a ser desenvolvidas através de projetos ditos “multidisciplinares”, por contarem com a participação de professores de outras disciplinas além das duas já mencionadas, a maioria dos quais voltados a questões a-históricas e descontextualizadas do local.

3ª Encontro Sergipano de Educação Ambiental
Ensino, pesquisa e extensão Universitária
22 a 26 de novembro de 2011

Referindo-se à forma como a educação ambiental deva ser tratada, Sato (2000) ressalta que existem recomendações para que nos níveis de ensino fundamental e médio a educação ambiental seja desenvolvida de forma transversal. Já em relação ao ensino superior existem controvérsias. As recomendações internacionais são de que para os estudantes de graduação a melhor forma de trabalhar a educação ambiental é através de programas, ao invés de disciplinas isoladas no currículo.

Compreende-se, no entanto, que qualquer que seja a maneira de trabalhar com a educação ambiental, esta deva ter como princípio uma abordagem interdisciplinar, cujo significado se dará com a prática social e a intervenção no real. Neste sentido, a temática do meio ambiente e do desenvolvimento tem uma dimensão social que transcende as atividades puramente acadêmicas da formação universitária.

A formação ideal deve ser sensível às múltiplas demandas sociais que refletem, por sua vez, as contradições, corporativismos e conflitos da sociedade, do Estado e de seus organismos. “Um curso que se pretende interdisciplinar não pode deixar de criar o espaço intelectual para a prática da reflexão e para a prática social, lastreando-se em programas de pesquisas que envolvam docentes e discentes na abordagem concreta de problemas de desenvolvimento e meio ambiente” (RAYNAUT et al, 2000, p. 08).

Essa tendência também deve estar refletida na própria definição de educação ambiental, posto que os vocábulos empregados na sua construção devem remeter à visualização do paradigma defendido, da abordagem priorizada, e dos aspectos relacionados com a participação política na busca de soluções para os problemas ambientais.

Nessa direção, Effting (2007), tomando como referência Dias (1991), para quem a evolução dos conceitos de educação ambiental esteve diretamente relacionada à evolução do conceito de meio ambiente e ao modo como este era percebido, apresenta algumas das concepções de educação ambiental que figuraram até o ano 2000.

1969	Processo que deveria objetivar a formação de cidadãos
1970	Processo de reconhecimento de valores e clarificação de conceitos, voltado para o desenvolvimento de habilidades e atitudes necessárias à compreensão e apreciação das inter-relações entre o homem, sua cultura e seu entorno biofísico (IUCN ¹)

¹ Internacional Union for the Conservation of Nature

3ª Encontro Sergipano de Educação Ambiental
Ensino, pesquisa e extensão Universitária
 22 a 26 de novembro de 2011

1972	Processo no qual deveria ocorrer um desenvolvimento progressivo de um senso de preocupação com o meio ambiente, baseado em um complexo e sensível entendimento das relações do homem com o ambiente e a sua volta (Mellows ²)
1977	Dimensão dada ao conteúdo e à prática da educação, orientada para a resolução dos problemas concretos do meio ambiente, através de um enfoque interdisciplinar e de uma participação ativa e responsável de cada indivíduo e da coletividade (Tbilisi ³)
1996	Processo de formação e informação, orientada para o desenvolvimento da consciência crítica sobre as questões ambientais e de atividade que levem à participação das comunidades na preservação do equilíbrio ambiental (Conama ⁴),
1992	Incorporar da dimensão socioeconômica, política, cultural e histórica, não podendo basear-se em pautas rígidas e de aplicação universal, devendo considerar as condições e o estágio de cada país, região e comunidade, sob uma perspectiva holística, devendo permitir a compreensão da natureza complexa do meio ambiente e interpretar a interdependência entre os diversos elementos que conforma o ambiente, com vista a utilizar racionalmente os recursos do meio, na satisfação material e espiritual da sociedade, no presente e no futuro (Comissão Internacional para preparação da Rio-92)
2000	Processo que consiste em propiciar às pessoa uma compreensão crítica e global do ambiente, para elucidar valores e desenvolver atitudes que lhes permitam adotar uma posição consciente e participativa, a respeito das questões relacionadas com a conservação e adequada utilização dos recursos naturais, para a melhoria da qualidade de vida e a eliminação da pobreza extrema e do consumismo desenfreado (Minini ⁵)

(adaptado da autora).

O quadro apresentado leva-nos a reconhecer os avanços e os recuos deste movimento que inspirou novas formas do pensar, face à pluralidade de contextos nos quais nos estamos inseridos e possibilitou a descoberta de outros elementos que aos poucos foram compondo novas construções. , como se observa nas definições a seguir:

A educação ambiental pode ser compreendida como um conjunto de ensinamentos teóricos e práticos com o objetivo de levar à compreensão e de despertar a percepção do indivíduo sobre a importância de ações e atitudes para a conservação e a preservação do meio ambiente, em benefício da saúde e do bem-estar de todos (DEA/MMA, 2008).

² Apud DIAS, Genebaldo Freire Dias. Educação Ambiental – Princípios e práticas. São Paulo, Gaia, 1992

³ Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, organizada pela UNESCO em colaboração com o PNUMA, Geórgia/1997.

⁴ Conselho Nacional do Meio Ambiente

⁵ Apud DIAS, Genebaldo Freire Dias. Educação Ambiental – Princípios e práticas. São Paulo, Gaia, 1992

3ª Encontro Sergipano de Educação Ambiental
Ensino, pesquisa e extensão Universitária
22 a 26 de novembro de 2011

A mesma obra faz referência à definição de educação ambiental dos professores Arlindo Philippi Junior e Maria Cecília Focesi Peliconi, do Departamento de Prática em Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da USP, para os quais a educação ambiental deve transcender o caráter de efetivo instrumento de gestão e tornar-se uma “filosofia de vida”, uma vez que “conduz à melhoria da qualidade de vida e ao equilíbrio do ecossistema para todos os seres vivos.”

O físico e escritor Fritjof Capra também é mencionado na obra, a qual enfatiza que o conceito defendido pelo autor vai mais além daqueles expostos anteriormente, pois aponta que a educação ambiental está contida num processo de conhecimento muito mais profundo sobre o meio de que fazemos parte: a alfabetização ecológica, que oferece uma estrutura para embasar uma reforma escolar, sendo esta entendida como um conjunto de atos e teorias que buscam reforçar a imagem do homem como parte integrante do meio ambiente, percebendo e compreendendo seus processos, “vidas”, redes e ciclos.

De acordo com Sato (2003, p.03):

Do “conservacionismo extremo” à compreensão mais ampla, a EA deu um salto quanti e qualitativo no cenário nacional. Embora a maioria ainda compreenda que “ambiente” seja sinônimo de “natureza”, esta visão tem sido modificada ao longo dos anos, dando lugar à uma percepção mais crítica, com elementos culturais e naturais, conferindo uma preocupação social adequada na dimensão ambiental. Para reforçar este paradigma, algumas pessoas usam o termo “sócio-ambiental”. Assumindo a condição social do ambiente, utilizam-se deste pleonasma na tentativa de retirar o “mito moderno da natureza intocada”.

A multiplicidade de ênfases educativas que se apresentam para a educação ambiental na atualidade impõe a nós, professores, o desafio de compartilhar com os alunos os novos conceitos e tendências através de formas eficazes para se fazer entenderem por um público heterogêneo, procedente de diferentes áreas do conhecimento, muitas das quais tem sua trajetória inspirada numa episteme pautada na separação homem-natureza, presente até os dias de hoje nas sociedades ocidentais.

Nessa perspectiva, inseriu-se no planejamento didático da disciplina Educação Ambiental ofertadas para as três turmas do curso de Gestão Ambiental em destaque, a diversidade de nomenclaturas de educação ambiental que emergiram no meio acadêmico a partir da década passada, presentes na obra Identidades da Educação Ambiental Brasileira, buscando permitir aos alunos reconhecer as concepções implícitas na heterogeneidade de identidades e nelas identificar-se.

3ª Encontro Sergipano de Educação Ambiental
Ensino, pesquisa e extensão Universitária
22 a 26 de novembro de 2011

Sem ter a pretensão de reduzir as idéias dos formuladores ou difusores desses vocábulos ou ainda esgota-los, visto que isso não seria possível, mas apenas no sentido de situar os leitores deste ensaio, apresenta-se a seguir, resumidamente, algumas dessas concepções e os respectivos autores que defendem cada um desses movimentos.

Educação Ambiental Crítica: Se fundamenta na idéia que a educação ambiental deve servir de contraposição a algo existente, como forma de superação, promovendo a formação da cidadania para construção de uma nova sociedade. Nesta concepção a educação ambiental deve apresentar interface com a educação popular, a partir de projetos voltados para além da sala de aula, de forma a assumir sua dimensão política. Tem como pressuposto subsidiar uma leitura de mundo mais complexa, instrumentalizada e contextualizada, a fim de contribuir no processo de transformação da realidade socioambiental superando as armadilhas paradigmáticas que impedem uma cidadania ativa. Parte de um movimento coletivo conjunto, relação do um com o outro, do um com o mundo, ação pedagógica articulada (articulação dos saberes), ousadia para inovar (Izabel Cristina de Moura Carvalho/Mauro Guimarães).

Ecopedagogia: Encara a educação como ato político que visa possibilitar ao educando a compreensão do seu papel no mundo e de sua inserção na história. Busca a construção de uma ordem flexível, progressiva, complexa, coordenada, interdependente, solidária. Evita a burocratização do olhar e do pensamento, a partir de uma nova maneira de ser estar no mundo, um jeito de pensar a partir da vida cotidiana, que busca sentido em cada momento. Objetiva a recuperação de uma harmonia ambiental, a formação de um cidadão cooperativo e ativo, que possa contribuir para a formação de novos valores para constituição de sociedades sustentáveis. É um movimento educacional que inclui a ética da transdisciplinaridade, o holismo a complexidade e a pedagogia freireana (Maria Rita Avanzi).

Atores Sociais e Meio Ambiente: Mediação da Ecopedagogia: Se apresenta como movimento e se consolida como processo pedagógico. Tem como meta construir uma sociedade sustentável. Exige um olhar voltado para os atores que constroem e sustentam os conflitos nas relações sociais. Propõe uma Abordagem múltipla, positiva e propositiva, em prol de uma perspectiva arraigada na solidariedade e na equidade. Privilegia a pedagogia do fazer aprendendo, da ação como experiência pedagógica. Pretende subsidiar as mudanças de paradigmas e do imaginário fundante da E.A., dando

3ª Encontro Sergipano de Educação Ambiental
Ensino, pesquisa e extensão Universitária
22 a 26 de novembro de 2011

conta das interrogações, do imaginário, dos desafios, das incógnitas da E.A. Apresenta insatisfação com outros paradigmas pedagógicos vigentes (Aloísio Ruscheinsky).

Educação Ambiental Transformadora: Tem como objetivo revolucionar os indivíduos em suas subjetividades e práticas nas estruturas sociais-naturais existentes. Abarca a compreensão de que o singular ganha sentido em suas relações e que o todo é mais do que a soma das singularidades, num movimento de mútua constituição. Nessa perspectiva, a dialética é um método que possibilita o diálogo crítico com outras abordagens do campo “ambiental” que se utilizam de alguns pressupostos comuns em suas visões de mundo. Sugere que as metodologias participativas são as mais propícias ao fazer educativo ambiental. Origina-se no escopo das pedagogias críticas e emancipatórias, especialmente dialéticas, em suas interfaces com a chamada teoria da complexidade, visando um novo paradigma para uma nova sociedade. É influenciada pela pedagogia de Paulo Freire, que vê a educação como elemento de transformação social, rompendo com a sociedade capitalista e com as formas alienadas e opressoras de vida (Carlos Frederico Bernardo Loureiro).

Educação Ambiental Emancipatória: Procura enfatizar e associar as noções de mudança social e cultural, de emancipação/libertação individual e social e de integração no sentido de complexidade. Amplia os espaços de liberdade de indivíduos e grupos que dela participam, transformando as situações de dominações e sujeições a que estão submetidos através da tomada de consciência de seu lugar no mundo, de seus direitos e de seu potencial para recriar as relações que estabelece consigo próprio, com os outros em sociedade e com o ambiente circundante. Surge como instrumento de mudança social e cultural de sentido libertador que, ao lado de outras iniciativas políticas, legais, sociais, econômicas e tecnocientíficas, busca responder aos desafios colocados pela crise socioambiental (José Gustavo Ferreira da Costa Lima).

Como se observa, o desenvolvimento do conceito de educação ambiental vem incorporando diferentes espacialidades e temporalidades, num esforço teórico que tem evoluído no sentido de consolidar um comportamento ambiental e a efetivação de práticas sociais menos degradantes, dando à questão ambiental novos sentido.

4 A educação pensada pelos alunos do curso de Gestão Ambiental

3ª Encontro Sergipano de Educação Ambiental
Ensino, pesquisa e extensão Universitária
22 a 26 de novembro de 2011

Em relação aos conceitos elaborados, coletivamente, pelos alunos das turmas de Gestão Ambiental, apresentados a seguir, procuraram-se pistas para verificar se estes trazem consigo, mesmo que implicitamente, os seguintes elementos, considerados fundamentais a uma proposta de educação ambiental:

- a) a concepção de ambiente:
- b) a compreensão das interações homem-meio;
- b) os valores éticos e estéticos:
- c) a participação política.

Cabe destacar que as três construções trazem consigo determinadas diferenças que só se deixam perceber numa leitura mais atenta. Verifica-se, por exemplo, que a maioria dos elementos considerados fundamentais a uma proposta coerente de educação ambiental, quais sejam: a concepção de ambiente, a compreensão das interações homem-meio, valores éticos e estéticos e participação política estão presentes em todos os conceitos elaborados.

No entanto, quando observamos detalhadamente cada uma das propostas constatamos a existência de distintos elementos, especialmente ao se fazer um paralelo com as diferentes identidades da educação ambiental apresentada aos alunos, constantes da obra Identidades da Educação Ambiental Brasileira, publicada pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA), no ano de 2004, como se verifica a seguir:

Turma 1:

“Processo de conscientização acerca das relações socioambientais, no qual se busca educar para o exercício da cidadania em prol do desenvolvimento sustentável”.

Turma 2:

“Processo educativo que consiste em mudanças de atitudes mediante a “difusão” de conhecimentos socioambientais, com uso de metodologias apropriadas, objetivando a formação plena da cidadania” .

Turma 3:

“Despertar a sociedade para uma nova relação homem-natureza, objetivando uma melhor qualidade de vida, através do processo de difusão e troca de conhecimentos, com enfoque no desenvolvimento sustentável” (turma de Gestão Ambiental 3).

3ª Encontro Sergipano de Educação Ambiental
Ensino, pesquisa e extensão Universitária
22 a 26 de novembro de 2011

Na primeira construção, pode-se observar uma aproximação com a proposta de Aloísio Ruscheinsky (Atores Sociais e Meio Ambiente), que visa consolidar o processo pedagógico, exigindo um olhar voltado para os atores que constroem e sustentam os conflitos nas relações sociais, tendo como meta a construção de uma sociedade sustentável. Note-se que a proposta destaca as “relações socioambientais” e apresenta como finalidade o “desenvolvimento sustentável”.

A segunda proposta, embora apresente alguns elementos que também foram priorizados no conceito da turma 1, avança no sentido de estabelecer as ferramentas através das quais se pretende alcançar o objetivo desejado – “metodologias apropriadas”. Outra diferença entre um e outro conceito é a substituição do termo “conscientização” por “educativo”, antes da palavra processo.

Essas diferenças, que guardam certas sutilezas, revelam uma aproximação com concepção de Carlos Frederico Bernardo Loureiro (Educação Ambiental Transformadora), o qual sugere que as metodologias participativas são as mais propícias ao fazer educativo ambiental. Originada no escopo das pedagogias críticas e emancipatórias, é influenciada pela pedagogia de Paulo Freire, que vê a educação como elemento de transformação social, rompendo com a sociedade capitalista e com as formas alienadas e opressoras de vida. A ênfase, tanto na concepção de Loureiro, quanto na turma 2, é a “formação da cidadania”.

É importante salientar que em ambos os conceitos, construídos pelos alunos, fica evidente uma concepção crítica, a partir do momento que assume a condição social do ambiente, destacando o termo socioambiental, como assinala Sato (2003). Destaque-se ainda que em ambas as construções o termo aparece sem o hífen, corroborando ainda mais para a compreensão de uma concepção de entrelaçamento e interdependência entre os fatores sociais e ambientais.

Já na terceira proposta, que não traz de forma explícita os termos “educativo” e “cidadania”, como no conceito anterior (2), surgem outros elementos que denotam uma compreensão mais ampla dos fundamentos que devam constar de uma educação ambiental realmente inovadora. Neste esquema o termo “conscientizar” foi substituído por “despertar”, o que caracteriza uma evolução, vez que, no nosso entendimento, consciência não representa algo que possa ser incutido nas pessoas, vindo de fora para dentro.

3ª Encontro Sergipano de Educação Ambiental
Ensino, pesquisa e extensão Universitária
22 a 26 de novembro de 2011

Outro aspecto a ser destacado nesse conceito é a compreensão, por parte dos seus formuladores, da necessidade de uma outra relação homem-natureza, a qual deverá influenciar numa melhor qualidade de vida. Também pode ser considerado um avanço deste último conceito, em relação aos anteriores, é o destaque para a “troca de conhecimentos” como um elemento fundamental no processo de educação ambiental.

Buscando uma relação entre as identidades da educação ambiental, contidas na obra do MMA, verifica-se que a terceira conceituação parece ser a que mais congrega elementos comuns entre as diversas concepções apresentadas. A ênfase na necessidade de rever a “relação homem-natureza” e a priorização da “troca de saberes” na forma de fazer educação ambiental, se aproxima da Educação Ambiental Crítica, defendida por Izabel Cristina de Moura Carvalho e Mauro Guimarães, que sugere uma educação ambiental capaz de subsidiar uma leitura de mundo mais complexa, instrumentalizada e contextualizada, a fim de contribuir no processo de transformação da realidade socioambiental superando as armadilhas paradigmáticas, que impedem uma cidadania ativa.

Nesse movimento a educação ambiental deve apresentar interface com a educação popular, a partir de projetos voltados para além da sala de aula, de forma a assumir sua dimensão política. Parte de um movimento coletivo conjunto, relação do um com o outro, do um com o mundo, ação pedagógica articulada (articulação dos saberes), ousadia para inovar.

O contato com a multiplicidade de ênfases educativas que se apresentam para a educação ambiental, evidencia que não há, e nem poderia ser diferente, um conceito pronto e acabado, ou um conceito melhor ou pior. Isto remete à compreensão da importância de uma contínua (re)criação, de forma a permitir o afloramento do nosso real entendimento sobre as questões, haja vista que os processos de construção estão diretamente relacionados aos padrões e regras que incutimos durante a formação acadêmica, que podem se modificar (evoluir) a depender da nossa vivência – atuação no mundo, permitindo uma reelaboração das idéias. Quando construída coletivamente, a atividade representa uma oportunidade de compartilhar conhecimentos e conhecer outras visões, valorizando os diferentes saberes, tão essenciais aos quem se propõem a trabalhar com a questão ambiental.

5 Considerações finais

3ª Encontro Sergipano de Educação Ambiental
Ensino, pesquisa e extensão Universitária
22 a 26 de novembro de 2011

Tentou-se, através das diversas concepções de educação ambiental apresentadas, demonstrar que não há um consenso em torno do seu conceito, pois além de se fundamentar em determinadas tendências pedagógicas, cada construção resulta das diferentes interpretações que trazem seus autores acerca das questões ambientais, do momento histórico que vivenciam e dos seus anseios em relação a uma prática cidadã.

Também foi possível verificar que os conceitos surgidos na última década apresentam uma abordagem mais complexa das questões ambientais, especialmente no tocante à relação sociedade-natureza e aos aspectos históricos, do que os anteriores a esse período. Essas novas interpretações dadas à educação ambiental devem, certamente, fundamentar o currículo dos cursos de pós-graduação relacionados à temática, de forma a tornarem acessíveis aos alunos instrumentos que embasarão uma prática mais comprometida e capaz de desencadear uma visão de mundo mais contextualizada.

Referências bibliográficas

EFFTING, Tânia Regina. **Educação ambiental nas escolas públicas: realidade e desafios**. Monografia. Curso de Especialização: Planejamento para o Desenvolvimento Sustentável. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Marechal Cândido Rondon. 2007.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Em direção ao mundo da vida: interdisciplinaridade e educação ambiental/conceitos para se fazer educação ambiental. Brasília – IPE – Instituto de Pesquisas Ecológicas:1998.

Identidades da educação ambiental brasileira/ Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental. Philippe Pomier Layrargues (coord.). Brasília: 2004.

RAYNAUT, Claude et al. **Pesquisa e formação na área do meio ambiente e desenvolvimento: novos quadros de pensamento, novas formas de avaliação**. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 1, p. 71-81, jan./jun. 2000. Editora da UFPR.

SATO, Michèle. Formação em educação ambiental - da escola à comunidade. In COEA/MEC (org.) **Panorama da Educação Ambiental no Brasil**. Brasília: 2000.

_____; SANTOS, José Eduardo. Tendências nas pesquisas em educação ambiental. In NOAL, F.; BARCELOS, V. (Orgs.) **Educação ambiental e cidadania: cenários brasileiros**. Santa Cruz do Sul: EDUNIS: 2003.

3ª Encontro Sergipano de Educação Ambiental
Ensino, pesquisa e extensão Universitária
22 a 26 de novembro de 2011

TEIXEIRA, Antonio Carlos. EA: caminho para a sustentabilidade. **Coleciona:** fichário d@ EducadorAmbiental. vol.1/ano1/julho-agosto de 2008. Produção: OG/PNEA/DEA/MMA/CGEA/MEC.

